MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD
ISSN 2316-8323

IMIGRAÇÃO HAITIANA EM CURITIBA E CRISE ECONÔMICA: O EMPREGO ESTRATÉGICO DAS REDES MIGRATÓRIAS E OS CAPITAIS DE MOBILIDADE EM CONTEXTO DE CRISE

Leonardo Cavalcanti
Professor do Instituto de Ciências Sociais da UNB
Coordenador Científico do Observatório das Migrações Internacionais
leocavalcanti@unb.br

Márcio S. B. S. de Oliveira
Professor de Sociologia da UFPR
marciodeoliveira@ufpr.br

Pedro Francisco Marchioro
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR
pedro-marchioro@live.com

Lorena Pereda Cordova
Mestre em Ciências Sociais pela UNB
lorena.obmigra@gmail.com

Resumo: Dentre os novos fluxos migratórios que chegam ao Brasil o caso da diáspora haitiana tem se destacado nos últimos anos. A crise pela qual o país passa atualmente, caracterizada pela retração da economia e pior desempenho do PIB desde 1990, tem impactos tanto diretos quanto indiretos nos projetos dessa população imigrante. O texto examina parte dos resultados da pesquisa que está sendo realizada pelo Laboratório de Estudos sobre Migrações Internacionais (LAEMI) da Universidade de Brasília (UnB) com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) em conjunto com a Universidade Federal do Paraná. Analisa-se o modo como esta crise afeta os imigrantes haitianos, verificando o papel e importância das redes e dos capitais migratórios em suas respostas ao atual cenário de crise econômica no Brasil, mais especificamente na cidade de Curitiba - PR. Em conclusão, afirma-se que as estratégias dos migrantes parecem se estruturar não a partir da compreensão vulgar de “crise”, mas sim sobre o tecido cada vez mais complexo de redes e dos capitais adquiridos em trajetórias migratórias.

Palavras-chave: Haitianos, redes migratórias, capital migratório, crise econômica.

HAITIAN IMMIGRATION IN CURITIBA AND THE ECONOMIC CRISIS: THE STRATEGIC EMPLOYMENT OF MIGRATION NETWORKS AND MOBILITY CAPITALS IN THE CONTEXT OF CRISIS

Abstract: Among the new migratory flows that arrive in Brazil, the case of the Haitian diaspora has been outstanding in the recent years. The current Brazilian crisis, characterized by the economic slowdown and worse performance of GDP since 1990, has both direct and indirect impacts on the projects of this immigrant population. The text examines part of the results of the research being carried out by the Laboratory of Studies on International Migration (LAEMI) of the University of Brasília (UnB) with support of the Research Support Foundation of the Federal District (FAP-DF) with the Federal University of Paraná. We analyze how this crisis affects Haitian immigrants, verifying the role and importance of migration networks and capitals in their responses to the current scenario of economic crisis in Brazil, specifically in the city of Curitiba - PR. In conclusion, it is stated that the strategies of the migrants seem to be structured not from the vulgar understanding of "crisis", but rather on the increasingly complex fabric of networks and capitals acquired in migratory trajectories.

Keywords: Haitians, migratory networks, migratory capital, economic crisis

INTRODUÇÃO

O fenômeno migratório desempenha um papel central na sociedade haitiana, a tal ponto que se pode considerá-lo uma "tradição" (BAENINGER e PERES, 2017) ou mesmo um "elemento que lhe é estrutural" (OLIVEIRA e KULAITIS, 2017; CAVALCANTI, 2014). Com efeito, os motivos que levam haitianos e haitianas a deixarem seu país são recorrentes assim como as estratégias de que sem valem em seus lugares de destino. Não obstante, a crise econômica, iniciada no ano de 2008 nos Estados Unidos, além de afetar os índices de desemprego e falta de recursos em diversas regiões do mundo, provocou maior controle de entradas nos países do Norte, afetando assim muitos dos deslocamentos migratórios tradicionais, complexificando-os e, sobretudo, diversificando-os. No caso haitiano, o maior controle levou a uma nova movimentação, em direção aos países do Sul.

Diversos estudos sobre as migrações internacionais têm demonstrado que a imigração haitiana apresenta grande força de adaptação, e isso também estaria ocorrendo nos novos destinos, em particular no Brasil (ARANGO, 2000; CAVALCANTI, 2015; BAENINGER e PERES, 2017). Em meados de 2013, porém, o mercado de trabalho brasileiro, até então pujante, começou a apresentar seus

primeiros sinais de recrudescimento. De meados de 2015 em diante, os índices de desemprego passaram a girar em torno dos 12% da população ativa, com impacto sobre os diversos grupos imigrantes (CAVALCANTI, 2015). Contudo, o número de entradas de haitianos no Brasil não cedeu como era de se esperar e não há estudos específicos que expliquem essa aparente constância nem mesmo as formas de enfrentar a crise no emprego.

O presente artigo tenta trazer luz para esse debate. Buscou-se analisar aqui quais as consequências provocadas pela crise, investigando a um só tempo de que modo é percebida e vivida pelos imigrantes haitianos no Brasil. O objetivo geral foi verificar o papel desempenhando pelas redes e a importância dos capitais migratórios no esforço de construir alternativas para enfrentar a instabilidade de contextos micro e macroeconômicos. Para isso, realizamos um acompanhamento dos próprios migrantes, visando uma análise diferenciada do tratamento dos marcos estatais que definem os migrantes.

A metodologia utilizada baseou-se nos dados da pesquisa “Imigração e crise econômica. As táticas migratórias de retorno e circularidade dos haitianos”, realizada no interior das atividades do Laboratório de Estudos sobre Migrações Internacionais (LAEMI) do Departamento de Estudos Latino-americanos da Universidade de Brasília (ELA/UnB) e financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF). Construiu-se um desenho multimétodo e multisituado de pesquisa, de cunho fortemente etnográfico, sobre um conjunto de dados obtidos através da realização de um grupo focal e a aplicação de entrevistas semi-estruturadas, entre os dias 3 e 13 de agosto de 2018 na cidade de Curitiba (Paraná), junto a um grupo de 29 homens e mulheres haitianas maiores de idade, em situações laborais e familiar diversas, empregados(as) e desempregados(as), solteiros(as) e casados(as), com e sem filhos(as).

Na análise das falas, selecionamos aquelas que mais se aproximavam dos eixos visados em cada tema. As falas foram articuladas aos debates teóricos aqui desenvolvidos. Vale ainda frisar que, para o cumprimento do anonimato e respeito a identidade dos participantes, foram-lhes dados nomes fictícios. Isso posto, o artigo começa por explicar a diáspora haitiana para o Brasil. Em seguida, apresenta-se o referencial teórico utilizando os conceitos de rede e capital mobilidade. No terceiro momento, analisamos o conjunto de falas e dados colhidos no trabalho de campo.

Finalmente, apresentamos nossas considerações finais.

A DIÁSPORA HAITIANA NO SEIO DA CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA

O número de pessoas atualmente em deslocamento ganhou tamanha proporção que autores como Castles & Miller (1993) sugerem a ideia de uma "era das migrações". A despeito das desigualdades econômicas que a globalização não só conserva como reforça, um novo mapa migratório emergiu nas últimas décadas, inclusive no continente latino-americano. Assim, a unilateralidade dos lugares de partida (o hemisfério sul pouco desenvolvido) para lugares de destino (hemisfério norte desenvolvido), que marcou a segunda metade do século passado, parece ter sido borrada. Uma nova geografia das migrações internacionais vem se estabelecendo e, com ela, o Brasil entrou no horizonte de países de destino para parte dos fluxos migratórios contemporâneos, retomando não só a "tradição imigratória que estava mais ou menos estancada desde o pós-guerra" (Souchaud, 2010, p. 50), convertendo-se, segundo Faria (2015, p. 38), em um país de imigração e emigração, trânsito e retorno de brasileiros. Nesse cenário, novos perfis migratórios apareceram e, em especial, a imigração haitiana.

As primeiras levas migratórias do Haiti destinavam-se aos países do norte global precisamente Estados Unidos, Canadá e França e, "desde a independência até o fim do século XX, [esteve] estreitamente ligada à economia e à política (por conta do isolamento infligido, da instabilidade das instituições do Estado, das políticas econômicas impostas ao país e das suas ditaduras, das ocupações militares)." (DIEME, 2018, p. 26). No entanto, a diáspora haitiana tem demonstrado uma alteração nestes cursos. Estudos variados apontam para a presença em volume crescente de haitianos em países da América do Sul e Central. No caso da América do Sul, os principais países de chegada têm sido, por ordem, Brasil, Argentina e Chile (DURAN e GONZALES, 2016, p.36).

A escolha do Brasil como destino nos projetos migratórios haitianos está relacionada basicamente aos seguintes fatores. Em primeiro lugar, ao recrudescimento das fronteiras dos países tradicionalmente mais procurados pelos haitianos, caso dos Estados Unidos e da França (BAENINGER e PERES, 2017), políticas que se combinaram com a percepção do relativo esgotamento da

capacidade de atender às intenções dos mesmos, como revelaram as entrevistas. Em segundo, ao terremoto ocorrido em 2010 no Haiti. Em terceiro, às medidas de apoio que o governo brasileiro ofereceu aos haitianos, tais como os vistos humanitários e o acesso a um mercado de trabalho que à época parecia promissor ao imaginário tanto haitiano quanto global.

Os haitianos foram o único grupo de imigrantes amparados pela Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012, do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que "dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti". Com essa resolução, qualquer haitiano que comprovasse residência no Haiti e não tivesse antecedentes criminais, poderia solicitar o visto por razões humanitárias. Como já mostrado no relatório do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) do ano de 2014, os imigrantes haitianos passaram a ser, no curto espaço de três anos (2011-2013), a principal nacionalidade no mercado de trabalho formal no Brasil. De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), observa-se igualmente o crescimento com taxas positivas do coletivo haitiano na primeira metade da presente década, passando de 815 pessoas no mercado de trabalho formal brasileiro em 2011 a 30.484 em 2014.

A atual crise econômica no Brasil, com um desemprego girando em torno de 12% da população e a primeira retração da economia brasileira, caracterizando o maior "encolhimento" do PIB desde 1990, afetaram diretamente a classe trabalhadora, inclusive os migrantes. O país vem atravessando uma recessão econômica que apresenta uma série de dificuldades, tanto para o setor público, quanto para o privado (IBGE, 2015). Segundo o Relatório Anual do OBMigra,

> Evidenciou-se que durante os nove primeiros meses de 2015, com o país já imerso em uma crise econômica, o número de admissões de imigrantes no mercado de trabalho formal superou o de demissões. No entanto, desde outubro de 2015 até junho de 2016, a movimentação dos trabalhadores imigrantes no mercado formal, em termos de admissão e demissão, teve um balanço negativo, com o número de demissões superando as admissões. Esse saldo sinaliza que pela primeira vez nesta década, desde a instalação da crise econômica, os imigrantes passam a ser afetados também com a perda de emprego, especialmente durante os primeiros meses de 2016. (OBMigra, 2016, p. 142)

Em consequência, em 2016 houve uma queda nas emissões de carteiras de trabalho, que passaram de 41.352 para 32.065 (OBMigra, 2017, p. 87). Não obstante isso, a nacionalidade haitiana se manteve em primeiro lugar entre as nacionalidades que mais solicitaram a expedição deste documento e aquela que apresentou maior movimentação no mercado de trabalho brasileiro. Apesar disso, segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), no ano de 2016, a movimentação dos trabalhadores imigrantes apresentou um balanço anual negativo, fruto das 40.066 admissões e das 50.959 demissões, o que gerou um saldo negativo de 10.893. Os haitianos permaneceram com 47% do total de admissões (*apud* OBMigra, 2017, p. 88.). Pode-se inferir assim que as crises econômicas surtem efeitos sobre as populações imigrantes, cabendo observar de que modo a migração internacional é sensível aos solavancos das crises e a forma como a elas se ajustam.

As novas migrações subvertem os espaços nacionais para formar novos espaços transnacionais cujos sujeitos aí constituídos carregam subjetividades com lógicas próprias e distintas destes espaços nacionais (WIMMER apud BAENINGER e PERES, 2017). Esse parece ser o caso dos haitianos constituídos desde a primeira infância em posições articuladas a uma dinâmica diaspórica e de horizontes globais (HANDERSON, 2014). Durante a entrevista no grupo focal, Robert trouxe a seguinte fala ilustrativa da condição no Haiti:

> *Se eu vou falar do meu caso, que eu me venho aqui no Brasil, não é uma coisa que é só levantar um dia que a gente vai pro Brasil. Não. Desde pequenininho a gente tinha a ideia pra viajar, mas não é especificamente o Brasil que a gente quer escolher. Na minha cidade, onde a gente cresceu, a gente viu, por exemplo, uma palavra que se chama "diáspora": quando uma pessoa viajou, pouco tempo, e fez uma casa, quando ele voltar, como um presidente, todo mundo [gestos de animação e comemoração]. Essa ideia vem de desde pequenininho. A minha geração chama de "geração pós 1986", depois da ditadura. Todos haitianos, o único sonho, o único sonho que ele tem, é um dia viajar. Tudo isso também ligado à situação política do Haiti também, porque nunca tem uma situação boa na questão de política. Toda vez tem instabilidade, golpe. Isso também cresce bastante essa ideia pra viajar. Essa geração não tem outra ideia que sair, fugir do Haiti. É a única alternativa que tem.*

Como se vê, a questão migratória no Haiti surge ao mesmo tempo como uma necessidade e como uma virtude, cujos sintomas podem ser vistos em expressões culturais e sobretudo no vernáculo haitiano em que o termo "diáspora"

aparece como central para significar práticas de sucesso e insucesso (HANDERSON, 2014). A migração haitiana implicaria ainda em uma "afinidade eletiva" (LÖWY, 2011) com a atual condição global em que migrar, de um modo ou de outro, parece ter se tornado uma condição central, isto é, para maior parte dos países migrar é uma condição, seja na sua forma de fuga (caso de países mais pobres e/ou instáveis política e economicamente), ou na forma de turismo (modelo mais sofisticado de migração)

MARCO TEÓRICO

Segundo Sayad (1998), o imigrante só existe quando cruza as fronteiras do Estado nacional. Por sua vez, Jarochinski (2017) afirma que a migração é um fenômeno que, em primeiro lugar, desafia as prerrogativas soberanas dos Estados, dado que cabe a ele permitir ou não o acesso de não nacionais em seu território. Com efeito, o Estado é a entidade encarregada de regular os fluxos migratórios em primeira instância, sendo uma de suas tarefas fundamentais regular as políticas migratórias em vista de manter os meios legítimos de controle dos movimentos fronteiriços e os determinantes dos padrões de circulação migratória (REIS, 2004; SICILIANO 2013).

Uma vez que o controle de entrada e saída nas fronteiras é essencial para a existência dos Estados-nação, observa-se o estabelecimento de canais transversais de comunicação entre estes agentes visando dar conta dos movimentos migratórios que lhe superam segundo suas capacidades administrativas tradicionais. Arango (2000, p. 42), aponta assim a existência de "espaços caracterizados pela associação relativamente estável de uma série de países receptores com um determinado número de regiões de origem", em uma tentativa clara de se antecipar aos novos tipos de movimentos migratórios. A Teoria do Sistema Mundial de Massey (2009) reitera esse postulado indicando que as migrações perfazem rastros estruturais resultantes da expansão de mercados e hierarquias globais que passam ao largo das razões de existência dos Estados-nação.

A globalização tornou o mundo mais fluido e instável, abrindo-se em novos circuitos que redesenharam as configurações postas até a segunda metade do século passado (WENDEN, 2013; BAUMAN, 2003; CASTEL, 1998). Assim, embora

o móbile central da migração ainda resida na busca por terra e trabalho, as dinâmicas migratórias, em função dos imperativos contemporâneos, assumem novo formato. Vemos então as redes e diásporas estabelecerem circuitos migratórios inteiramente novos, transbordando as antigas fronteiras nacionais e chegando mesmo a desafiá-las em seus braços institucionais (AUDERBERT, 2012; SAYAD, 1999; PORTES e WIND, 2004). Com efeito, como afirma Bourdieu a respeito das análises de Sayad (1998), cabe-nos "devolver aos imigrantes o seu passado", ou seja, erguer as condições que antes de mais nada o tornaram um emigrante, levantar as relações que habilitam o processo migratório e facultam aos migrantes a dirigir-se, permanecer e integrar-se nas sociedades de destino (SOARES, 2017). Em resumo, tais movimentos nos obrigam a voltar a atenção aos próprios agentes à frente destes fluxos, uma vez que demonstram certo distanciamento dos antigos padrões migratórios, a saber, da emigração linear dos países do sul pouco desenvolvido rumo aos países do norte desenvolvido. É, pois, através de seus projetos migratórios oriundos de problemas locais, junto às possibilidades por eles vislumbradas de desenvolvimento de algum aspecto de suas vidas, que mapeamos e reconstruímos a maneira como reinventam percursos e articulam redes.

O PAPEL DAS REDES NOS PROJETOS MIGRATÓRIOS E NOS PROCESSOS DE INSERÇÃO

Os imigrantes mantêm relações entre si antes e depois de migrar. As redes migratórias funcionam como um emaranhado de relações e "estratégias postas em marcha pelos próprios migrantes ante o jogo de poderes nacionais e internacionais, e para interpretar a permanente redefinição das relações de solidariedade e de conflito, em distintos níveis[1]" (PEDONE, 2004, p. 107). Dentre as teorias clássicas da migração, a teoria do capital social (ARANGO, 2000) destaca a importância as redes como mecanismos de apoio social dos imigrantes antes, durante e depois dos percursos migratórios. Com efeito, as redes podem ser consideradas como

[1] Tradução nossa.

> Una forma de capital social, en la medida en que se trata de relaciones sociales que permiten el acceso a otros bienes de importancia económica, como el empleo o los salarios más elevados [...] Asimismo, en este marco más amplio tienen cabida, como se ha señalado, otras instituciones intermediarias - redes de contrabando o grupos benéficos y humanitarios – que, con distintos propósitos y objetivos, ayudan a los migrantes a superar las dificultades de entrada (ARANGO, 2000, p. 42).

As redes são, portanto, formas de capitais sociais que atuam ora em níveis formais ora em níveis ilegais. Apoiam e expandem as competências sociais e políticas dos imigrantes nos países receptores. Graças a essa bagagem de capitais, as redes amenizam as condições de vulnerabilidade presentes nos trajetos migratórios, facilitando aos imigrantes o acesso a outros bens. Oliveira e Kulaitis (2017, p. 42) definem esses bens, informações e recursos adquiridos nos percursos migratórios como *capital de mobilidade,* ou seja, "bens (simbólicos e materiais) que se apresentam sob a forma de conhecimentos migratórios - formalidades administrativas, procedimentos de viagens, domínio de línguas estrangeiras e costumes - e posse de documentos (cartas de estadia, passaporte ou contratos de trabalho)". Esse capital é adquirido pelo indivíduo através de experiências próprias, de familiares ou de indivíduos a ele ligados, e podem ser transferidas e/ou compartilhadas.

As redes têm um efeito positivo sobre os deslocamentos migratórios. Elas se expandem e se complexificam, prolongando suas ramificações para dar continuidade ao processo de assimilação de novos migrantes, elevando o nível de eficácia na medida em que reduz os riscos e custos de processos migratórios subsequentes. Dito de outro modo, com a migração continuada, a incerteza se reduz, facilitam-se outros deslocamentos, enquanto cria-se o "knowledge of the field" (SPAAN y HILLMAN, 2012, p. 66) que ajuda a projetar as possibilidades das próximas mobilidades.

São as redes que permitem aos imigrantes elaborar e re-elaborar projetos migratórios, ajustando-os aos marcos estruturais existentes. Para Hernández-León (2005, p. 2), em resumo, "essas redes são a infra-estrutura social que sustentam o processo migratório. Elas também têm a capacidade de envolver indivíduos e grupos

sem experiência direta de migração nesse processo social[2]". Desta maneira, o processo migratório tende a crescer e se tornar mais denso envolvendo distintos níveis de ação, ao ponto de sustentarem-se por si mesmos independentemente das políticas que buscam os controlar (MASSEY, 1999, p. 47; CASTLES 2004, p. 860).

HABITUS MIGRANTE E A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS MIGRATÓRIOS

Para Oliveira e Kulaitis (2017) os projetos migratórios dos agentes são realizados *pari passu* das redes a que estão ligados, mas também da quantidade de capital de mobilidade acumulado e do *habitus* migrante interiorizado. O habitus é um sistema de disposições que permite antecipar o resultado das práticas sociais, "como se a probabilidade *a posteriori* de um acontecimento, que é conhecido a partir de uma experiência passada, comandasse a probabilidade *a priori* do que lhe é subjetivamente auferida" (BOURDIEU, 2000, p. 259). No caso dos percursos migratórios, o habitus torna-se uma espécie de

> [...] conjunto de disposições adquiridas que funcionam como princípio gerador de representações e práticas migratórias. Tem sua origem e formação nas experiências migratórias pessoais ou vivenciadas, ainda que apenas discursivamente, no interior do grupo étnico e/ou familiar. Esse tipo de habitus se apresenta como fonte de inspiração e como facilitador dos percursos migratórios (OLIVEIRA e KULAITIS, 2017, p. 42).

Porém, tais disposições atuam de forma distinta em cada agente, em função da cotidiana dialética da interiorização da exterioridade e vice-versa. Como podemos ver, o habitus migrante diz respeito a um mundo dividido em dois universos com lógicas distintas: o universo de partida e o de chegada. Epistemológica e metodologicamente, isso significa que a reconstrução analítica deste habitus exige a compreensão da gênese deste processo em dois universos distintos, no caso em tela, Haiti e Brasil. Nesse sentido, o projeto migratório apresenta-se como a parte mais objetiva e racionalizada do habitus migratório, sendo o resultado de equações elaboradas pelo agente migrante de acordo com sua experiência no campo migratório. Em outras palavras, é resultado de uma avaliação dos elementos que lhe

[2] Tradução nossa ("these networks are the social infrastructure that sustains the migratory process. They also have the capacity to involve individuals and households with no direct migration experience in this social process.").

foi possível apreender na totalidade das relações com outros agentes e suas experiências migratórias, do conhecimento do campo, observando os riscos, as probabilidades de sucesso e de insucessos. Isso lhe permite antecipar as ações que apresentam maior chance de auferimento de lucros ou de fracasso.

O projeto migratório abarca todo o percurso entre fronteiras, indo desde a situação pré-emigração até os ajustamentos feitos no lugar de destino. No local de partida, antes e durante a tomada de posição de emigrar, o migrante busca antecipar suas chances objetivas de sucesso de acordo com as informações recolhidas e projetadas em um futuro que ele visualiza mentalmente. É isso que propõe Bourdieu (2000) ao afirmar que a probabilidade de sucesso de uma ação depende do ajuste das expectativas subjetivas às chances objetivas. Assim, o planejamento ou os projetos migratórios são elaborados de acordo com o grau de conhecimento dos espaços sociais nos quais os migrantes pretendem se instalar. Não se trata de uma operação natural; ela diz respeito ao alcance das redes, tanto ao modo como foram construídos os habitus migratórios, quanto ao contexto de sua produção e da posição na qual os destinos migratórios estão dispostos. Nesse caso, o lugar que o Brasil e suas regiões ocupariam na hierarquia de destinos visualizadas pelos haitianos.

Cabe ressaltar que aqui lançamos foco sobre os agentes migrantes enquanto espaços de inscrição dos processos sociais em que se pode analisar as variáveis determinantes dos novos fluxos migratórios, construindo e avaliando as categorias criadas junto ao campo e a estes agentes.

A CRISE SEGUNDO OS HAITIANOS

Durante a pesquisa realizamos um grupo focal e doze entrevistas semi-estruturadas, seguindo o critério de heterogeneidade e acessibilidade, com recurso ainda à técnica da bola de neve. No total contou-se com vinte e nove participantes entre homens e mulheres haitianas, todos eles maiores de idade, classificados em função do ano de chegada no Brasil.

O ano 2015, além de estar no intervalo de tempo que marca o início do volumoso fluxo migratório haitiano ao Brasil, é também o ano em que se intensifica a crise econômica e de emprego (FELDMAN-BIANCO et al, 2017). Num primeiro

momento, imaginamos que a crise provocaria uma significativa diminuição na absorção da mão de obra que estava chegando ao país. Nesse sentido, buscamos investigar como estes agentes responderiam a este déficit conjuntural e qual o papel que as redes e capitais disponíveis na elaboração das estratégias de resposta às dificuldades encontradas.

Dentre os vinte homens entrevistados, treze chegaram antes do ano 2015 e sete depois dessa data. Dentre as nove mulheres haitianas entrevistadas, seis chegaram depois de 2015, sendo que duas delas têm apenas 18 anos e são solteiras. As quatro restantes são casadas e vivem atualmente com seus respectivos esposos e filhos (Quadro 1).

Segundo os níveis educacionais dos participantes, do total de mulheres apenas duas disseram ter realizado estudos (técnico ou de graduação) antes da chegada ao Brasil. Outras duas estão atualmente concluindo o ensino médio. Duas outras estão matriculadas em cursos técnicos, e outra está em um curso de enfermaria. Finalmente, apenas duas mulheres são estudantes universitárias enquanto que apenas uma delas não está realizando nenhum tipo de formação. Todas as entrevistadas demonstraram compreender, em níveis variados, a língua portuguesa. Além disso, três delas falam o francês e duas o espanhol.

Os homens participantes demostraram ter mais bagagem de estudos. Em geral todos os vinte completaram os estudos escolares (ensino médio) previamente à saída do país de origem e, atualmente, fazem estudos técnicos ou estão concluindo uma segunda formação superior. Dentre eles, apenas quatro participantes homens não especificaram seus estudos.

QUADRO 1. Matriz entrevistados em Curitiba por ano de chegada e nível educacional

Ano de chegada		Nível educacional	Participantes		Total
			Homens	Mulheres	
Antes do 2015	2010	Graduação ou técnico	Richard	Amelie	16
	2012	Graduação ou técnico	Denes; Rigot		
	2013	Ensino médio	Binnie; Mimoume		
		Graduação ou técnico	Robert; Boilly; Dans; Nivard	Lena	
	2014	Ensino médio	Paul; Dieu		
		Graduação ou técnico	Karl; Galguer	Shedy	
Depois do 2015	2015	Ensino médio	Michel		13
		Graduação ou técnico	Charly	Lounee; Badria; Regina; Geneve	
	2016	Graduação ou técnico	Lynden ; Dieugo	Kettia; Chana	
	2018	Graduação ou técnico	Benjamin; Cherlot		
		Pós Graduação	Paul		
Total			20	9	29

FONTE*: Elaboração do quadro a partir da pesquisa de campo.*

O PAPEL DAS REDES MIGRATÓRIAS E DOS CAPITAIS DE MOBILIDADE: A EMERGÊNCIA DO BRASIL E CURITIBA NO HORIZONTE MIGRATÓRIO HAITIANO

Como já mencionado na segunda seção, o Brasil nunca foi o destino mais procurado dos haitianos. Contudo, o país tornou-se uma opção viável. Os elementos que mais pesaram na opção Brasil são: a possibilidade de trabalhar legalmente, o tipo de trabalho e salário correspondente, gastos com moradia e outros insumos, possibilidade de estudar e baixo risco de ser preso ou deportado. No depoimento abaixo, pode-se avaliar quais os elementos mais demandados nos circuitos das

redes, e como o Brasil passou a figurar na hierarquia dos lugares de destinos mais buscados:

> -Você mantém contato com eles, com os haitianos que estão fora do Brasil?
> *- O tempo todo*
> - E eles falam como é que é lá, se é melhor, se é pior, se vale a pena ir pra lá?
> *- Sim... perguntam se é bom, se o brasileiro contrata nós. Porque tem pessoa que sempre quer saber como o brasileiro contrata nós. E, pra mim, acho que o Brasil é o melhor país que contrata haitianos bem. É melhor que França, Estados Unidos... Porque quando uma pessoa chega lá na França, não é fácil pra você trabalhar, um haitiano. Não é fácil. Não é fácil também pra você sair na rua. Se você sai na rua o policial vai pegar você e mandar de volta lá pro Haiti. Por exemplo, eu cheguei aqui no Brasil ilegal, quando eu cheguei fiz todos meus documentos, fui lá na Policial Federal e fizeram toda minha documentação.*

O depoimento acima nos remete ao que Baeninger e Peres (2017) denominam “migração de crise”, ou seja, modalidade de migração marcada pela urgência em encontrar condições mínimas de sobrevivência, como trabalho, consumo e moradia. Outro fator de peso na escolha de migrar para o Brasil é o sistema público de ensino, com suas diversas formações em nível técnico ou superior. Dentre os entrevistados, foi unânime o desejo de começar e dar continuidade à formação escolar ou terminar um curso de graduação. Já dentre os diplomados, encontramos ainda o desejo de dar continuidade à qualificação profissional através de uma segunda graduação ou em cursos de pós-graduação, em nível de mestrado ou de doutorado. Galguer, por exemplo, chegou no Brasil em 2014 por influência de um amigo que recomendou-lhe o país como possibilidade de continuar seus estudos. No Haiti ele havia terminado sua graduação em Educação e Ciências Econômicas e, como seu desejo era fazer um mestrado, aceitou o conselho e migrou para o Brasil:

> *Através dessa dica, eu vim pra cá, pra enfrentar a realidade. Mas, quando eu cheguei, comecei a trabalhar um pouquinho num restaurante como auxiliar de cozinha, lavar louça, panela. Depois eu fui assador de pizza. E enquanto eu tava fazendo aula de português aqui... através da associação dos haitianos, daí eu consegui me informar sobre o processo de ingresso pra quem é refugiado ou imigrante... Daí eu fui, eu me candidatei, daí deu certo. Eu consegui uma vaga para estudar matemática, graduação,*

> *na UFPR. Daí ano que vem eu vou me forma em matemática…Isso, minha terceira graduação.*

Na fala de Galguer podemos ver como os estudos são fundamentais na escolha do Brasil como destino migratório, e como a mobilização das redes facilitam tanto a realização desse objetivo quanto, após a chegada, o aprendizado da língua portuguesa e das normas jurídicas. Em contrapartida, o migrante vê-se obrigado a atender às necessidades dessa mesma rede, realizando ações direcionadas a outros imigrantes[3].

A opção por Curitiba, como cidade de destino, insere-se numa perspectiva mais ampla. Além das possibilidades de estudos, a cidade apresenta condições de vida atraentes aos haitianos, tanto em termos de oferta de emprego quanto em termos de segurança e de tranquilidade, consideradas superiores quando comparadas àquelas oferecidas em cidades como São Paulo ou Porto Alegre, onde alguns dos entrevistados moraram anteriormente: "*A razão que me faz escolher Curitiba…[é que] quando a gente faz uma pesquisa, ela aparece como a cidade mais tranquila do Brasil, Curitiba. A gente gosta de um lugar que tem paz*" (Denes).

Paul tem uma trajetória parecida com a de Galguer. É casado, tem 44 anos e três filhas. Antes de migrar sozinho para o Brasil, viveu com sua família a maior parte de sua vida na República Dominicana, onde havia se graduado em Ciências da Comunicação, em Teologia e obtido dois títulos de mestre, um em Educação e outro em Teologia. Queria continuar seus estudos e fazer doutorado em sociologia. Foi ao Chile com esse objetivo, mas foi "atracado"[4], preso e deportado. Durante sua permanência no Chile foi agredido com um porrete de madeira, tendo inclusive perdido a consciência. Traumatizado por essa experiência, decidiu retornar à República Dominicana, quando tomou nova decisão de partir, dessa feita para o Brasil, com o objetivo de doutorar-se. Aconselhado por amigos que residiam no Brasil, animou-se após pesquisar e conhecer o sistema educacional do país:

> *- Yo tengo una amiga, que venía de República dominicana también, a vivir en Curitiba, y decidí venir para acá.*
> – Fue esta amiga que te recomendo venir para acá?

[3] A própria participação em nossa pesquisa, intermediada por algumas lideranças dessa mesma rede, funciona também como uma contrapartida ao auxílio recebido.
[4] Termo pode significar ter sido assaltado, roubado, ou ter sido alvo de uma batida policial. Nesse caso pensamos que é o caso da batida policial.

> – *Si*.
> – Y qué te parece hasta ahora?
> – *No, [risadas] hasta ahora está bastante bom. Pero as veces me da miedo, por eso no caminho casi, na calle, de noche... pero con el tiempo creo voy a ganhar más confiança a la calle.*

Ao chegar ao Brasil, residiu por um curto tempo na cidade de São Paulo, onde foi novamente agredido, o que aprofundou ainda mais o antigo trauma e o fez decidir a deixar aquela cidade. Descreveu a cidade de Curitiba como tranquila e nos deu a impressão de estar superando o trauma das agressões sofridas. Quando perguntado qual havia sido o fator determinante para vir ao Brasil, reafirmou o desejo de fazer o curso de doutorado, projeto ora em andamento.

O Brasil e Curitiba foram descritos como os melhores lugares para a realização dos projetos migratórios. Através de redes de apoio, cuja longevidade e eficácia dependem daqueles que partem, os projetos pré-emigração vão sendo realimentados. Badria, outra entrevistada, revela o momento preciso de constituição da rede familiar:

> *Eu fui convidar minha mãe, porque meu sonho é fazer minha mãe viajar e aí eu pedi para minha mãe vir conhecer o Brasil. Minha mãe decidiu que não quer viajar porque ela é de idade e não é pra ela, é melhor que eu faça isso para outro. E aí eu convidei outro irmão, ele não aceita e fui convidar ele [apontando para outro participante]. E ele disse beleza tudo, e veio aqui para ficar comigo.*

Sheedy relatou uma experiência próxima àquela de Badria. Afirmou ter viajado diretamente desde o Haiti com o consentimento e apoio financeiro dos pais que já residiam no Brasil: *"Eu estou com meu pai, minha mãe, minha tia e meu irmão. Meu pai veio primeiro, e depois veio pra cá nós três".* Em resumo, os depoimentos colhidos indicam que o Brasil passou, com o apoio das redes, a constituir novo destino de imigração.

Por outro lado, verificamos que o imaginário que se tem do Brasil é construído sobre bases frágeis[5] como, por exemplo, a paixão pelo futebol. Segundo Badria, *"o sonho do meu esposo era conocer Brasil [...] porque nós somos pessoas muy torcido por el futebol do Brasil. E o sono de nós é ter dinheiro, vir pro Brasil e*

[5] Trata-se de um conjunto difuso de encantamentos e imagens superficiais, da crença de que vão "encontrar os jogadores de futebol na rua", etc. e não de pesquisa aprofundada sobre o sistema educacional ou o mercado de trabalho, como o fez Galguer, Paul ou Charles.

olhar o futebol mesmo. [...] Meu sonho é vir para o Brasil olhar o jogador que eu adoro[6]*."*

ESTRATÉGIAS FRENTE À CRISE: PROBLEMAS METODOLÓGICOS

Uma das clássicas questões dos estudos migratórios diz respeito à forma como o imigrante percebe o país de destino e como reage às situações do dia-a-dia, que são necessariamente diferentes daquelas elaboradas pelo nativo (SCHUTZ, 2011). Assim, se para o habitante local o significado de crise navega por termos tais como rompimento, alteração, descontinuidade (visto através de instrumentos de análise de larga escala, de operadores conceituais, medidores estatísticos, etc.), para os migrantes a mesma situação, ainda que negativa, pode significar continuidade, regularidade ou normalidade, dependendo do momento de sua chegada no país e de suas formas de inserção.

Analisando as respostas que os imigrantes haitianos deram para a crise, deparamo-nos, portanto, com esse problema metodológico. A crise aparecia para os entrevistados de forma mais ampla do que esperávamos vê-la enunciada. Regra geral, surgia através de associações muito sutis com outras dimensões da vida social. Em outros momentos, porém, parecia ser simplesmente negada. Dito de outro modo, nem sempre a percebiam como esperado ou, quando isso ocorria, a interpretavam de uma maneira particular. Nos vimos frente à "imposição da problemática" de que fala Bourdieu (2003, p. 223), isto é, momento em que o pesquisador supõe "que toda a gente pode ter uma opinião […], que a produção de uma opinião está ao alcance de todos […], que todas as opiniões valem o mesmo [...], e que há um consenso sobre os problemas". Diante disso, estabelecemos mecanismos mínimos de controle (uma vez que não haveria como não interferir de algum modo), no intuito de não induzir os entrevistados a falarem de um problema que talvez nem mesmo exista para eles da forma como colocado. Assim, passamos a expor aos mesmos o que entendíamos por "crise nacional", "econômica", etc., aguardando para observar como eles reagiam a esses temas.

Além disso, a análise da situação econômica, das formas de inserção e das experiências no mercado de trabalho foram conduzidas de modo a não tomar como

[6] Esse desejo apaixonado atinge grandes proporções, com impacto inclusive em certas práticas sociais, como revelou Lena: "*[...] alguns chegam a apostar a casa, a empresa, e as próprias mulheres nos jogos do Brasil*".

pressupostos os dados sobre desemprego ou desempenho da economia, buscando apresentá-los a partir da própria vivência no trabalho de campo. Partimos da hipótese segundo a qual o aumento do desemprego, por exemplo, só deveria ser sentido por haitianos que já estão no Brasil há pelo menos quatro anos uma vez que a crise foi mais presente a partir de 2014, somente os imigrantes que estavam no Brasil desde antes dessa data (pelo menos 2012 ou 2013) estariam aptos a falar dela (ou de um "sentimento de crise") ou seja, de uma alteração nas condições de vida e de trabalho ou enfim uma precarização em dimensões variadas de suas vidas sociais.

Mesmo tendo dividido nosso grupo entre aqueles que haviam chegado antes e depois de 2015 (ver Quadro 1), respostas ambíguas nos foram dadas às conversas que travamos em torno desse eixo, ora não aludindo diretamente a ela, ora não dimensionando as características gerais de uma situação crise (queda de salários, aumento nos preços dos produtos gerais de subsistência, acirramento da competitividade laboral, etc.). Contudo, de maneira geral, a crise foi percebida pelos haitianos tal como se pode ver adiante:

> *Imigrante não pode viver em um país estrangeiro sem trabalhar. Daí a questão econômica é muito importante. Para você se sustentar em um país estrangeiro você precisa trabalhar pra pagar aluguel, pagar conta. E também quando vocês perguntam se a gente está passando por essa crise econômica do Brasil....isso 100% dos imigrantes vão responder sim, porque pra poder sobreviver você precisa fazer compras. (Galguer)*

Apesar de estarem cientes do "momento difícil" pelo qual passa o Brasil, alguns deles vêm conseguindo posições no mercado de trabalho, o que pode relativizar a forma como compreendem a crise no emprego. Vejamos a esse respeito o depoimento de Badria no grupo focal:

> *Meu esposo veio ao Brasil em 2013, e eu fiquei no país que eu estava, com dois filhas. Depois de dois anos dele eu perguntava pra meu marido: como está Brasil? Tipo, ele fala "ah, Brasil tá ruim agora, porque o Brasil tá em um momento ruim". O momento que ele chegava, 2013, o Brasil tava em um momento super bem... E ele dizer: "é, pero vai melhorar!" E eu dizer:"ai, eu não quero vir. Eu sou uma mulher muy trabalhadora, eu não gosta de depender de homens, eu vou ficar sem emprego". Ele disse: "vem, vai melhorar. Vem, vai melhorar". E aí 2015 eu arrumei papel e vim com dois filhas. E fiquei aqui, e eu passo por o que não quis passar, e eu ficar desempregada, quase dois anos desempregada. E eu ficar louca*

> *porque eu deixei meu emprego jogado no país que eu tava desde sete anos. E eu vir no Brasil, [para] ficar sem emprego. Meu esposo estava trabalhando e eu estar sem emprego. Todo lugar que eu ia, eles pedem: "experiência, experiência...". E eu: "meu deus do céu, o que eu vou fazer sem experiência". Aì eu conheci a Nadine (liderança dos haitianos), eu fui estudar português pra falar melhor com a gente, [e disse]: "Nadine, eu quero trabalhar, porque [só com] meu esposo [trabalhando] a renda não é suficiente pra casa. Aí eu fui fazer curso de gastronomia no Positivo, minha formatura foi 12 de dezembro do ano passado e em 12 de janeiro fazer um mês que eu estava assinada na carteira [risadas]. E aí eu entrei em um café bem legal, na [rua] Marechal Floriano Peixoto (centro de Curitiba), uma amiga que fez gastronomia no curso junto comigo, ela trabalhava lá, e ela foi me indicar porque tinha vaga lá. E depois de três meses já eu tava na promoção. Eu fui auxiliar geral, que tipo lava panela, faz tudo. E agora eu tenho quase um mês lá eu sou auxiliar oficial, agora sou eu o chefe, tipo eu que cuida de tudo. Agora eu não tem que lavar panelas, mexer, tudo [risadas]. Agora eu estou esperando que deus continue caminhando pra eu ser não só auxiliar, pra eu ser empreendedor de minha própria negócio de cozinha*.

PARA ALÉM DO MERCADO DE TRABALHO

Situações de crise potencializam projetos de retorno ou incentivam projetos de circularidade entre países terceiros? Quais os elementos, que aparecem nos discursos dos imigrantes, capazes de motivar a permanência ou a saída de um determinado ambiente?

A "crise do Brasil", tal como encontra-se descrita nos dados oficiais, enunciados pelos órgãos de imprensa e institutos de pesquisa, apareceu nas falas dos entrevistados, de maneira mais ampla, associada à questão do racismo. Um participante do grupo focal, ao definirmos o que entendíamos por "crise", falou nesses termos:

> *A economia, a crise, não é o problema. A crise econômica é uma coisa que ajuda a entender melhor como funciona essa sociedade. Os problemas que temos agora não é problema de agora. Já existia. [...] O haitiano vê a crise [como] social, porque a crise não é só econômica. Ficamos [só] analisando a questão econômica… para mim é bom, mas para entender melhor como funciona essa cidade, eu sempre dou um exemplo. Uma mulher haitiana que chegou aqui há dois ou três meses, por causa da cor dela, conseguiu um emprego [escondido na cozinha] que é porque ela é negra, haitiana negra. Portanto existe o problema da economia...às vezes para conseguir um emprego não é só a crise econômica. É mais do que isso.* (Rigot)

Durante o grupo focal, notamos que o tema da "crise" estava efetivamente associado à questão do racismo. Com efeito, o preconceito de cor[7] foi frequentemente citado como o principal obstáculo enfrentado, embora também fosse expresso de maneira ambígua, ora como central, ora como algo que não deve ser levado em conta "para não dar força àquele que utiliza do preconceito para inferiorizar", como afirmou Lena. Robert referiu-se inicialmente à questão como uma "bobeira, uma perda de tempo", algo que só existiria na cabeça daquele que discrimina racialmente. Contudo, em seguida, sua fala demonstra o peso decisivo que tem em suas vidas:

> *Em nós, infelizmente, a cor é mais identificável. Por exemplo se vocês veem um negro na rua... é migrante. Quando eu digo, por exemplo Lorena, Lorena não é migrante, se ela não fala ninguém vai saber que é do Peru, porque a cor dela é quase igual à dos brasileiros, sabia? Mas nós que são negro...qualquer lugar que nós chegamos... 'o imigrante! o haitiano!' [...] pra mim não é uma coisa de economia"* (Robert).

A questão racial surgiu com mais força, contudo, em relação à retração do mercado de trabalho:

> *Em 2010 até 2014, as coisas tavam melhor. Porque quando, em 2011, começaram a chegar bastante haitianos, não eram os haitianos que foram lá buscar trabalho, é a empresa que tá chamando nós, pessoal, para ir trabalhar. Tem momento que não tem quantidade para a empresa que está chamando. Tanto para ficar em Curitiba, quanto para ir para outra cidade a trabalho. Em final de 2014, começa a diminuir as coisas. Pouco empresas está chamando: "ah, eu preciso cinco pessoas." No momento de 2011 até 2014, pessoa não precisa falar português. Entrou 2015, começou a dificultar as coisas, pessoa não consegue trabalho, empresa não chama mais, começa a mandar os haitianos embora, começa a ter xenofobia.* (Amelie)

O início da crise foi claramente identificado aqui, tanto através da redução da oferta de trabalho, quanto através de sintomas derivados, não diretamente econômicos, de um acirramento da competitividade no ambiente do trabalho, com elevação de exigência de competências e qualificações para o cumprimento das mesmas funções que eram exercidas com qualificações mais baixas.

Com efeito, o preconceito e a xenofobia apareceram em praticamente todos os discursos. Muitos haitianos preferem não falar do assunto, respondem com

[7] Não seria adequado falar em preconceito de "raça" uma vez que não trabalhamos com esse conceito aqui e questionamos sua validade para tanto. Mesmo assim trazemos alguns autores no decorrer do texto que usam o termo. Porém quando o citarmos não será em seu sentido conceitual. A palavra "cor" dá relevância a demarcação a partir de traços aparentes, e não a argumentos que busquem substâncias para além da visibilidade corpórea.

sorriso irônico quando questionados sobre a existência de preconceito, ou ainda negam que são vítimas de tais atos. Há sempre uma atmosfera de vergonha e constrangimento em torno do assunto, sobretudo em uma situação de pesquisa. Para não serem vítimas simplesmente, devolvem o ataque ao agressor, na forma de ironia ou outras estratégias de redução dos efeitos de sua ação, atribuindo-lhe alguma incapacidade, pouca inteligência, ou mesmo denunciando-o. Lena por exemplo, quando trabalhava em um restaurante fast food, ao reclamar com um colega que era a sua vez de ficar na chapa fazendo hambúrgueres, escutou que era ela quem deveria ficar naquela função porque sua cor era mais adequada para a função uma vez que a protegia de queimaduras. Lena o denunciou para seu superior que tomou medida punitiva em relação ao agressor.

Charle também elencou várias situações de preconceitos explícito. No ônibus, ao voltar do trabalho para casa, foi chamado de “macaco” e frequentemente vê pessoas levantarem-se com hostilidade quando ele divide o assento num transporte público. No próprio trabalho, em uma loja de venda de produtos variados, alguns clientes afirmaram não querer ser atendidos por ele e chegaram a pedir que sua gerente o mandasse embora. Charle contextualizou sua fala, remetendo-a a uma situação mais ampla de vida, de que “a vida é dura”, e que haveria que se lutar constantemente, sem baixar a cabeça. Contudo, demonstrando o quanto tem sido duro suportar as situações de racismo, afirmou que chora ao chegar em casa quando isso acontece[8].

As hostilidades, os ataques racistas, o tratamento discriminante, as ações xenofóbicas, como dito anteriormente, não são consequências da crise. Ao contrário, como afirmou um entrevistado, caracterizam a condição corrente vivenciada pelos haitianos no Brasil, situações que se tornaram, contudo, mais comuns com a crise. Durante o trabalho de campo ouvimos mais de um entrevistado afirmar que não conhecia o racismo no Haiti. Como afirmou Rigot, “*A economia, a crise, não é o problema. A crise econômica é uma coisa que ajuda a entender melhor como funciona essa sociedade. Os problemas que temos agora não é problema de agora. Já existia*”.

[8] Charle é formado em computação e matemática e não vê sua esposa e filha há mais de cinco anos.

O preconceito de que nos falam os imigrantes, seja ligado aos atributos físicos e comportamentais (cor, vestimenta, modo de ser) ou à condição de estrangeiro, está presente na representação que se faz do imigrante. Segundo os entrevistados, isso acaba por impedir o uso dos capitais que dispõem, por exemplo, ao não terem reconhecidas as suas competências universitárias, por vezes bastante elevadas para o padrão médio brasileiro[9]. Tudo como se as oportunidades para demonstrar suas qualificações se fechassem, fossem desacreditadas de saída por serem "negros", "africanos", "imigrantes", refugiados". Essas qualificações são pejorativas e acabam produzindo uma distorção em suas trajetórias, embora sejam situações que, de resto, podem acontecer com outros grupos sociais igualmente vulneráveis.

Becker (2008) descreve esse tipo de situação como uma "constituição performática" do mundo social objetivo, enquanto capacidade de produzir discursivamente uma realidade a partir de nomeações e repetições destas nomeações. Dessa forma ações serão tomadas em relação a um objeto em função daquilo que se acredita que ele seja: "se os homens definem situações como reais, elas se tornam reais em suas consequências" (BECKER; 2008, p. 12). Dito de outra forma, o preconceito, existente nas estruturas cognitivas, acaba se materializando em estruturas sociais e, assim, transformando-se em constrangimentos de fato.

Em termos hipotéticos, é possível supor que o mercado de trabalho está previamente codificado, contendo dispositivos (de classificação e de discriminação) que, em função das representações que certos traços corporais assumem nas estruturas cognitivas dos agentes, alteram as oportunidades de trabalho dos imigrantes. Mamed (2017), investigando os haitianos que trabalham nas indústrias de abate de frango na cidade de Cascavel, no interior do estado do Paraná, encontrou quadro semelhante. De acordo com a autora, a análise do percurso laboral dos haitianos no Brasil,

> [...] demanda uma análise à luz da relação dialética do negro e do branco no mercado de trabalho assalariado, que evidencia o movimento de rebaixamento e exploração da força de trabalho negra e de outros grupos sociais em uma sociedade de base escravista. Ao conservar os traços

[9] É possível discutir essa afirmação porque de fato uma das consequências da retração do mercado laboral, nos setores menos qualificados, é o nivelamento das competências profissionais, a chamada "inflação dos diplomas", como afirma Bourdieu (2003).

> característicos de sua formação social, a sociedade brasileira apresenta uma estrutura sexual e racialmente hierarquizada do seu mercado, estando a maior parte da população, em particular mulheres e negros, nos estratos mais baixos e de menores salários (MAMED, 2015; p. 156-157).

Robert relatou nesses termos como viveu essa situação:

> *Eu tô há cinco anos no Brasil. Já fiz um curso de eletrônica aqui. Eu nunca [estive] fora da escola. E eu tô fazendo mais um de eletrônica. Eu sempre estou estudando. Olha, esse aqui é o curso que eu tô fazendo (mostra uma pasta repleta de diplomas e certificados). Eu estou sempre estudando. Sabe o que eu vi no horário de intervalo? Tem um monte de haitianos que estão estudando no centro e eu nunca vi um conversando com um brasileiro. Primeiramente, nós temos medo, porque já vimos muitos casos de brasileiros matar haitianos. Não pode namorar com brasileira. Tem um amigo meu que arrumou uma namorada brasileira e estava andando na rua, passou um brasileiro e falou: 'Ó! Pa! Pa! (Simulação de tiros). Vou te matar. Você está aqui só pra trabalhar'. Já vi isso, com meu próprio olho, lá em Pinhais, eu vi um caso assim. Lá na escola também é assim. Você conversa com brasileiro dentro da sala durante pouco tempo. Mesmo assim, se você tem vontade pra conversar não dá oportunidade. [...] Outra coisa. Chegou aqui no Brasil você vai lá ver, em cem empresas, você vai ver o cargo dos haitianos. Trabalha só na produção, limpeza...Por exemplo, eu cheguei no Brasil. Eu tenho um estudo [de] cinco anos na economia... Onde eu trabalhava eu cheguei com um diploma de economia. Já tinha uma experiência de quatro anos através da ONG que eu trabalhava lá no Haiti com cargo responsável (decisivo). Eu não vou pedir pros brasileiros "aceita meu diploma". Eu cheguei no Brasil [e] tudo bem. Eu fiz um curso de solda, eu comecei a trabalhar como soldador. Eu fiz um curso de dois anos. Meu auxiliar, pessoa brasileira que trabalha como auxiliar meu, fez um curso de ferramentaria seis meses. Na minha cara (na minha frente) ele já passou. Uma área de ferramentaria, que tem mais conforto. Tudo bem. A empresa deu e eu não vou pedir favor pra ninguém. Tudo bem. Mas isso também prova uma coisa: porque eu [que] tenho um estudo de dois anos... eu tenho um monte de certificado na área de metalúrgico, curso soldador... um monte eu fiz. Eu nunca parar de estudar [e] pessoa (seus superiores) só me deixava como soldador? Eu fiz mais um, iniciei mais um [e] a pessoa fica [va] só me olhando. Mesmo que eu [tivesse levado] o diploma lá, nada aconteceu. Eu vi pessoa lá, qualquer brasileiro que fazem cursinho já passava prá frente, [conseguia] um cargo mais [elevado]. Isso tem uma definição prá mim. Isso é uma coisa que vale. Porque nós, haitianos que vem pro Brasil, vem pra trabalhar. É isso que qualquer pessoa fala na rua: 'povo trabalhador', 'negão gente boa'. É isso, isso é a literatura de nós. Isso é o lado dos brasileiros.*

O depoimento de Robert remente à análise de Sayad (1998): o imigrante é, em última instância, um trabalhador, no sentido de que é reduzido unicamente à sua força de trabalho, à sua capacidade produtiva. Todavia mesmo esta capacidade para o trabalho lhe é negada quando adentra territórios fechados ao conjunto de sua identidade, ao fato de que é um ser inteiramente social. Caberia aqui investigar em que medida essa aversão em relação ao haitiano também é fruto de disputas

materiais (salário, emprego) e simbólicas (a participação na cultura, o monopólio do direito às mulheres, a "namorar brasileira", etc.). Outros entrevistados também detalharam o que é ser imigrante durante a "crise do Brasil":

> *Falam só sobre trabalho, mas entra a discriminação dentro da saúde, mesmo dentro da universidade. [...] Mas, com a crise, não sei o que aconteceu com as pessoas. Voltou a acontecer que as pessoas vão no posto da saúde a discriminar: 'os haitianos só sabem fazer criança', uma coisa que não tem sentido dentro de uma saúde que é pública, para todos [...] E mesmo pessoas... não sei. Se a pessoa não sabe lidar com o imigrante, pergunta, procura entender a pessoa porque mesmo os brasileiros que saem do país para outro, sofrem. [...] Quando sai do seu país e entra no outro país, você já tem um problema porque não sabe a língua, mas aqui em Curitiba, o frio, a comida, mesmo a comida é o mesmo mas tem coisas diferentes, a mudança de cultura já é um problema.* (Amelie)

> *Tudo isso vai gerar uma crise que nós temos que virar pra sair. O Brasil, pra sair dessa crise, precisa também de ganhar mais... que o Brasil que quer que a política brasileira fica melhor mas os migrantes [...] nós conhecemos a questão dos bolivianos também. Uma questão que a gente não fala, mas exploração existe. Exploração que os haitianos também têm, mas a mídia fala o que quer falar. Nós estamos fazendo uma pesquisa para ver como acompanhar, por isso que eu gosto deste trabalho que vocês estão fazendo para entender as condições dos haitianos, mas tudo isso vira uma bagunça para entender como está acontecendo… Tem os venezuelanos que também estão passando por dificuldades como nós, ... mas tem haitianos que estão bem de vida, tem os que estão passando por dificuldade. Tem muito...tem brasileiros que também estão passando por dificuldade…*(Karl)

A situação de crise, efetivamente percebida aqui, começa a ultrapassar a dimensão estritamente econômica ou laboral, alcançando espaços públicos (a saúde) onde, aparentemente, não estava presente. A presença atual dos imigrantes venezuelanos é outro dado que surge no cotidiano dos antigos imigrantes haitianos. Da mesma forma, a exploração nos locais de trabalho e o papel dos grandes meios de comunicação também são sentidos por eles.

As respostas à crise são variadas. Porém, parecem girar em torno da formação ou do pertencimento às redes sociais. Amélie, por exemplo, afirmou ainda que desde antes de começar a aumentar o número de haitianos e haitianas no Brasil, ela, junto às pastorais de acolhida ao migrante, se encarregava de prover *"todo esse auxílio: aula de português, casa para morar, comida, tudo. Tudo, tudo a gente tem que correr atrás."* Badria é outra entrevistada que assumiu a tarefa de divulgar e difundir oportunidades de trabalho variados para seus conterrâneos e

migrantes de outros países, seguindo uma tática própria somada à relação com "irmãs" religiosas. Estes tipos de ajuda mútua revelam como funcionam as redes, produzindo arranjos e conexões distantes das estruturas gerais dos processos migratórios. Contudo, são eficazes em seu propósito de vinculação e sustentação dos membros. Dito de outro modo, parece haver uma solidariedade social que não necessariamente se assenta nas configurações do sistema laboral/mercado de trabalho, mas em formas silenciosas de apoio mútuo. Badria assim comenta:

> *Mesmo que estou trabalhando, eu oriento gente onde que tem vaga. Eu tenho todos agências de trabalho. Eu tenho e-mail, meu e-mail meu eu cadastro em todas agências, aí quando tem vaga aí eu sei que tem vaga. [...] eu fiz contratar mais de dez haitianos na empresa (X). Eu ficar dentro de todo círculo porque é um lugar onde você chegar e tem que procurar tudo. Eu fiz aliança com umas madres religiosas que são conocidos por essa empresa, agência. A madre me recomenda aí na agência [...] aí levo você que está desempregado (apontando para um dos participantes)*

Já a experiência do Garguel mostra a ainda importância das redes de amizade: *"Aí comecei trabalhar e o patrão gostou de mim. Aí tavam precisando de outro garçom e aí eu indiquei ele. Aí ele entrou e começou trabalhar [...] e através de mim também outros amigos conseguiram entrar".*

Ingressar em associações de migrantes (haitianos) é também resultado da eficácia das redes. Os participantes do grupo focal fazem parte de associações de migrantes haitianos: Richard, Robert, Badria, Amelie, Denes. Estes - ocupando posições dirigentes ou atuando apenas como membros - procuram melhorar as condições de vida de seus pares, contornando ou solucionando situações de dificuldade. Nos discursos colhidos, nota-se uma chamada às práticas de empoderamento e de ação solidária:

> *Nós podemos usar nossa comunidade, vamos se unir e fazer alguma coisa. [...] não é Brasil que é assim, são todos os países. [...] nós temos que, tipo, parar de chorar. [...] É isso, parar de chorar. Vamos a tomar isso como "eu aprendi uma coisa, foi difícil cara". Ontem eu passei por aquilo, hoje não vou passar, entendeu? O cara que vai chegar hoje, eu que cheguei lá em 2014, vou falar 'cara eu passei por aquilo não quero que você passe'. 'Já passei isso, você… aqui tem um buraco, você tem que pular, entendeu?' Pára, pára, pára. Eu vou passar prá você as experiências [...] Vamos chorar juntos, vamos lutar juntos* (Rigot)

> *É bom é que nós haitianos estão estudando na Universidade Federal. Mesmo eu não estou estudando na Universidade Federal mas eu fiquei feliz porque a gente está comendo, a cabeça está se alimentando melhor e se um dia a pessoa diz que 'ah, não quer ficar no Brasil', 'voltar no país', mas voltar não é a mesma pessoa que saiu do Haiti e vem aqui. Voltar é a pessoa que tem a cabeça que pode ajudar aos outros lá* (Amelie)

O cenário de dificuldade serve de tela para a geração de novas formas de interação e, em consequência, de reforço à formação de novas redes. Por outro lado, algumas das mulheres haitianas entrevistadas demonstraram estarem experimentando um sentimento de independência se comparado com o tipo de relação entre homens e mulheres que vivenciavam em seu país de origem. As participantes reconheceram que sua vinda ao Brasil permitiu-lhes se relacionar, mais livremente, com outras pessoas e conseguir independência financeira, fato que não ocorria no Haiti. Em entrevista, afirma Lena:

> -Você se sente mais livre?
> *-Mais livre? Muito.*
> -Como mulher…
> *-Muito! Porque se eu fosse no Haiti, se eu tava no Haiti, quer dizer, com vinte e quatro anos minha mãe não deixava namorar. Lá você tem que namorar, sei la, depois faculdade, sua mãe tem que concordar, tem que aceitar. Na minha idade minha mãe pode bater em mim. Agora quem bate em mim? Ninguém. Eu trabalho, tenho meu dinheiro, consegui comprar meu carro. To indo pra frente mesmo que tá ruim mas…*(Lena)

Chana:

> *Lá não é toda mulher que tá trabalhando. Mais fica na casa. Aqui mais a mulher ta trabalhando e o homem está trabalhando. (*Chana)

Em resumo, a percepção da crise econômica mescla-se a outros fatores, como à atmosfera interna às redes que os imigrantes participam. Da mesma forma, mesclam-se aos sentimentos de otimismo e avaliações positivas que, se não superam a questão econômica *stricto sensu*, não inibem a eclosão de outras consequências alcançando, inclusive, as relações de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se produzirem desde a primeira infância como indivíduos *para* a emigração, misto de necessidade e de virtude, tanto de sonho quanto da falta de alternativas, os haitianos preparam-se para uma vida de instabilidade, percalços e

perigos. Como afirmou Robert: "*Essa ideia vem de desde pequenininho [...]. Todos haitianos, o único sonho, o único sonho que ele tem, é um dia viajar. [...] É a única alternativa que tem."* Esse sonho e essas alternativas parecem ser inculcadas cotidianamente, à medida em que se tecem os fios das redes migratórias, o tecido colorido dessa nova diáspora. É sobre esse sonho e sobre essa vivência (que se transformou em habitus e, ao largo, em capital) que o imigrante haitiano vislumbra o projeto migratório que será lentamente definido a partir das inserções e conhecimentos legais que suas redes de pertencimento lhe fornecem (rotas, dispositivos legais, vistos, etc.), em direção, preferencialmente, aos destinos previamente conhecidos e/ou desbravados. Dessa forma geral, o haitiano parece ser o exemplo dessa "afinidade eletiva" com a atual situação global, na qual migrar tornou-se a condição central. "Ser diáspora" constitui assim um conjunto de disposições singulares que se introduzem de modo distinto nas condições contemporâneas das migrações internacionais.

Em consequência, muito embora os índices de emprego demonstrem uma diminuição significativa na contratação da mão de obra imigrante, os haitianos entrevistados parecem ter sentido seus efeitos de forma matizada. Com efeito, parecem se valer das redes para organizarem estratégias diversas, desde o convite ou transferência de postos de trabalho até a organização de auxílios diversos, incluindo aí possibilidades de moradias e re-imigrações dentro do Brasil. Isso parece explicar o fato de que, embora a situação cotidiana seja precária, não revelaram interesse em sair do país e/ou mesmo da cidade de Curitiba. As redes têm se mostrado capazes de preencher os vazios deixados pelo mercado formal de emprego, em especial provendo trabalhos paralelos e informais. Mais do que isso, funcionam como espécie de escudos que protegem seus membros dos efeitos diretos das oscilações estruturais da economia.

O início da crise é distinguível tanto através da redução da oferta de trabalho quanto de seus sintomas derivados, como o acirramento da competitividade no ambiente do trabalho, mudança no tom das relações e no tratamento direto do migrante haitiano, com elevação de exigência de competências e qualificações para o cumprimento das mesmas funções que eram exercidas com qualificações muito baixas. A crise, portanto, é real. Porém, é vivida e percebida de maneira ampla e não restrita a seus sintomas e efeitos tradicionais. A compreensão do fenômeno da

crise em população tão particular, quando restrita aos campos do trabalho e da economia, revela-se, assim, insuficiente. Os dados colhidos indicam que as maneiras pelas quais a crise vem afetando os imigrantes haitianos devem ser buscadas não apenas na esfera do trabalho, mas na totalidade da vida em sociedade, nas relações sociais vividas nos deslocamentos cotidianos, passando pelos espaços associativos e políticos, de lazer e de cultura, até os espaços domésticos das relações familiares.

É talvez a partir de uma larga noção de identidade, em especial no que diz respeito à representação que o imigrante faz de si e para si mesmo, que se pode compreender os movimentos, ações estratégicas e respostas às oscilações e contingências que se apresentam nos espaços de trabalho e da economia. *À l'évidence*, o que se passa no mundo trabalho aí não se restringe. Ao contrário, acaba por reverberar e reestruturar o que se passa nos espaços associativos e mesmo no seio dos grupos mais íntimos como a família.

Os dados colhidos até o presente momento indicam que circularidade ou retorno não são, para os imigrantes haitianos, opções ou estratégias de médio prazo nem mesmo as melhores alternativas crise social e econômica pela qual o Brasil vem passando. Foi interessante perceber que, de sua perspectiva de imigrantes, não há garantia que os problemas aqui encontrados sejam exclusivos ou não se repitam, ainda que de outra forma, em outras sociedades de destino, no Chile, na Argentina, no Equador, ou mesmo em outras regiões do Brasil. Em sentido inverso, ações de retorno e circularidade talvez devam ser relacionadas às representações que trafegam no interior das redes, sempre matizadas, porém, pelo cálculo e inventividade por parte dos agentes. Não obstante isso, os imigrantes haitianos, tomados aqui como agentes portadores de habitus migratório próprio e de capital mobilidade específico, parecem aptos a responder à variedade de adversidades que se apresentam no circuito que dessa, pode-se dizer, *nova diáspora haitiana*.

Ao longo da pesquisa, requalificamos as consequências e formas de enfrentamento da crise. A questão de base, que incomoda e marca o cotidiano, parece ser o "racismo estrutural" da sociedade brasileira (MAMED, 2017). Inscrito nos diferentes espaços sociais, o racismo pauta comportamentos e antecede a presença dos agentes que apresentam este traço (cor), sejam ou não imigrantes, e alterando assim o comportamento imigrante no mercado de trabalho. No momento

seguinte, o imigrante, mesmo com elevada qualificação profissional e formação universitária, não vê reconhecidas suas competências, seja por seus superiores e colegas de trabalho, passageiros de ônibus, transeuntes, locatários de imóveis, dentre outros.

Cabe salientar finalmente que a alternativa de retorno ou de re-imigração para outros lugares está sempre presente no horizonte do migrante haitiano. Não obstante, as variáveis que pesam em sua decisão parecem se estruturar não sobre a noção vulgar de crise, mas sobre o tecido cada vez mais complexo de redes e dos capitais adquiridos nas trajetórias migratórias.

REFERÊNCIAS

ARANGO, Joaquín. Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*. n. 165, p. 283-296, Septiembre, 2000.

AUDERBERT, Cédric. *La diaspora haïtienne: Territoires migratoires et réseaux transnationaux*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

BAENINGER, Rosana e PERES, Roberta. Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, Belo Horizonte, v.34, n.1, p.119-143, jan./abr. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. A busca da segurança no mundo atual. Rio de janeiro: Zahar, 2003.

BECKER, Howard. *Outsiders*: estudo sobre identidades desviantes. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século, 2003.

CAVALCANTI, Leonardo. in: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. Brasília: *Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais*, 2014.

_____; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. Brasília: *Cadernos do Observatório das Migrações Internacionais*, 2016

CASTELS, S.; MILLER, M. J. *The age of migration international population movements on the modern world*. Hong Kong: Macmillan, 1993.

CASTEL, Robert. *As Metamorfoses da questão social*: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes. 1998.

DIEME, Kassoum. O Haiti e suas migrações. Em: D*inâmicas migratórias haitianas no Brasil*: desafios e contribuições n. 49/50, 2017.

DURAN, Mauricio García e GONZALEZ, Gian Paola Sánchez. La movilidad humana en América Latina y el Caribe vista a la luz de los flujos migratorios más críticos. En: *Refúgio, Migrações e cidadania*. Caderno de Debates 11, Dezembro 2016

FARIA, Maria Rita Fontes. *Migrações internacionais no plano multilateral*: reflexões para a política externa brasileira – Brasília: FUNAG, 2015.

FELDMAN-BIANCO, Bela et al. Imigração Haitiana no Brasil. *PÉRIPLOS:* Revista de Investigación sobre Migraciones. V. 01 - N. 01, 2017

HANDERSON, Joseph. *Diáspora*: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese (Doutorado de Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HERNÁNDEZ-LEÓN, Rubén. *The Migration Industry in the Mexico-U.S. Migratory System*. California Center for Population Research. On-Line Working Paper Series. University of California, Los Angeles. Paper CCPR-049-05, 2005

JAROCHINSKI, João Carlos. Flujos migratorios mixtos En: CAVALCANTI, Leonardo et. al. *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

LÖWY, Michael. O conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. In: *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, 2011, pp.129-142.

MASSEY, Douglas. Why does immigration occur? En: C. HIRSCHMAN, P. KASINITZ AND J. DEWIND. *The Handbook of International Migration*: The American Experience, New York: Russell Sage Foundation, 1999.

MAMED, Letícia. Trabalho, migração e gênero: a trajetória da mulher haitiana na indústria da carne brasileira. In: *Temáticas*, Campinas, 25, (49/50): 139-176, fev/dez. 2017.

OLIVEIRA, Márcio de. Imigrantes Haitianos no estado do Paraná em 2015. In: GEDIEL, José A. P.; GODOY, Gabriel G. de (Org.). *Refúgio e Hospitalidade*. Curitiba: Kairós, 2016. p. 249- 276.

OLIVEIRA, Márcio de; KUILAITIS, Fernando. Habitus imigrante e capital mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios. Dossiê: migrações internacionais contemporâneas, 2017.

PEDONE, Claudia. "T*ú siempre jalas a los tuyos*"; Las cadenas y las redes migratorias de las familias ecuatorianas hacia España. Tesis doctoral. Departamento de Geografía. Universitat Autónoma de Barcelona, 2004

PORTES, Alejandro e WIND, Josh de. *A Cross-Atlantic Dialogue*: The Progress of Research and Theory in the Study of International Migration. IMR Volume 38 Number 3, 2004.

REIS Rocha, Rossana. Soberania, Direitos humanos e Migrações internacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* vol.19 n. 55 junho, 2004.

SAYAD, A. *La double absence: des illusions de l'émigré aux souffrance de l'immigré*. Éditions du Seuil, Paris, 1999.
_____. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SPAAN, Ernst y HILLMAN, Felicitas. Migration trajectories and the migration industry. En: NYBERG SORENSEN, Ninna e GAMMELTOFT_HANSEN, Thomas. *The migration industry and the commercialization of international immigration*, 2012

SICILIANO, Andres Luiz. *A política migratória brasileira*: limites e desafios. Dissertação (mestrado) Instituto de Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, 2013.

SCHÜTZ, Alfred. O Estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 113, 2010.

SOUCHAUD, S. A imigração boliviana em São Paulo. In: Ferreira, A. P. et al. (Ed.). *Deslocamentos e reconstruções da experiência imigrante*. Rio de Janeiro: Garamond, p.267-292. 2010.

Recebido em: 01/06/2019

Aprovado em: 22/04/2019